

VICTOR HERINGER

# Glória



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Valéria Doblas Heringer

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Mateus Valadares

*Foto de capa*

Danita Delimont/ Getty Images

*Imagem de miolo*

DR/ Acervo pessoal do autor

*Revisão*

Clara Diament

Angela das Neves

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Heringer, Victor

Glória / Victor Heringer. — 1ª ed. — São Paulo :  
Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-359-3150-1

1. Ficção brasileira I. Título.

18-17624

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*A Daniel  
in memoriam*

*Para os homens não seria melhor se  
lhes sucedesse tudo quanto querem.*

Heráclito

# Sumário

## Prólogo, 13

### OS ANOS DE APRENDIZADO DOS ALENCAR COSTA E OLIVEIRA

1. Heresia, meu amor, 19
2. Quarta de Cinzas, 1992, 25
3. D. Letícia, 32
4. A graça de Abel, 34
5. A graça de Daniel, 38
6. Sábado de Aleluia, 2007, 41
7. A desgraça de Benjamim, 51
8. O último recurso, 56
9. A porta destrancada, 62

### GLÓRIA

10. Homem que estava desaparecido é encontrado morto em sua residência, 69
11. Multidões, 71
12. O frenesi de Pompônio, 77

13. A pedra lá em cima, 79
14. Descoberta de esquina, 86
15. O Café Aleph, 88
16. A volta do pastor Abel, 97
17. Reforma, 104
18. Jogo de cozinha, 108
19. Comunicado aos condôminos (escrito à mão e colado no espelho do elevador), 112
20. “Todo mundo no mundo é um Costa e Oliveira”, 114
21. Formigas, 117
22. Santinho matou aposentado, diz viúva, 123
23. *A Breve e muito concisa história da família Costa e Oliveira*, 125
24. A Igreja Global em Cristo, 134
25. O mapa e o encontro, 139
26. Conversa fora, 142
27. Taberna da Glória, 145
28. Anedota do homem vestido de século passado, 149
29. A vida sexual das tartarugas, 153
30. Ninguém rouba ninguém, 157
31. Canal aberto, anteontem, 03h33 (reprise), 160
32. A morte de Antônio Vieira, 163
33. Catapulta, 166
34. Contagante, 169
35. Um homem sério, 177
36. A morte de Pompônio, 180
37. Primeira aparição do faqueiro, 183
38. Segunda aparição do faqueiro, 189
39. Viral, 191
40. Benjamim desce ao inferno, 196
41. No inferno, 202

42. Ainda no inferno, 208
43. Cancelamento de Nada Mais que a Verdade provoca “onda mística”, 210
44. Urgências, 213
45. Apud, 220
46. Ano-Bom, 225
47. Dia da Fraternidade Universal, 228
48. A 117ª morte de Hecateu de Mileto, o Logógrafo, 229
49. As peripécias de Ambrósio na capital, 235
50. Queda de energia, 237
51. As confissões de mamãe, 240
52. 12h22, 248
53. Silêncio breve, 251
54. Cozinha em jogo, 254
55. Globo de ouro, 256
56. O que faz o mar, 260
57. Ruína circular, 266
58. Inauguração, 269
59. Todos os trens para Sodoma, 273
60. Conceição, 280

FUNDO FALSO

Epílogo, 285

# Prólogo

Que Ambrósio Silva Costa e Oliveira, madalenista convicto, tenha escrito um romance composto somente de epígrafes é coisa que já não escandaliza ninguém minimamente familiarizado com a história literária deste país. Também não é incomum encontrar pessoas que, apesar de não terem lido o cultuado *Édipo de segunda mão* (2010), sabem que o livro, talvez o único de sua espécie, começa com um fragmento de Heráclito e termina com as famosas palavras da oração de Renan — “Ó, abismo, tu és o deus único”. No entanto, o fato de Silva Costa ter procurado um escritor de menor calibre para escrever seu segundo livro foi tão chocante para mim quanto o será para o leitor, assim que souber que fui eu o calibre escolhido e que este, embora leve o meu nome na capa, é o segundo romance do singular autor fluminense.

O encontro com Silva Costa — notável recluso — se deu da maneira mais corriqueira possível: ele encontrou meu endereço de e-mail e me propôs escrever um romance, coisa que, aliás, eu já planejava havia algum tempo. A única condição que me impôs



foi este prólogo, que, segundo ele, serviria tanto para explicar as motivações que o levaram a me contratar para escrever sua obra-prima quanto para dar alguma visibilidade ao livro, visto que seu sobrenome está não só ligado ao fenômeno que é *Édipo de segunda mão* como também à família que inspirou e impulsionou o movimento madalenista. Eu ficaria encarregado de todo o resto, até mesmo da redação deste texto preliminar, sobre o qual ele de fato não teve nenhum controle e só lerá agora, depois de publicado. Enfim, o trato era simples: a publicidade dele pagaria o meu trabalho, e vice-versa. Assim que cheguei à conclusão de que o arranjo não me traria nenhum prejuízo, dei a ele minha palavra e comecei a compor o romance que, sabe-se lá por quê, o leitor agora tem em mãos.

Há duas razões para a aparentemente desajuizada decisão de Silva Costa. A primeira, ele me explicou via e-mail e, como é seu costume, com uma citação (de Cioran): “A máxima lucidez é a total inação”. Isso, suponho, significa que a única saída encontrada por ele após atingir o auge logo em seu primeiro romance foi escrever um livro propositalmente ruim por meu intermédio e ainda assim manter sua genialidade intacta. Creio que isso seja uma boutade tipicamente madalenista, isto é, afirmar — sem afirmá-lo de todo — que livros intencionalmente ruins são os mais engenhosos. No entanto, não tenho certeza; não sou teórico literário, muito menos especialista em madalenismo. De todo modo, se me sai um bom romance, Silva Costa pode considerá-lo seu também; do contrário, assumo plena responsabilidade pelo fracasso.

O segundo motivo me foi explicado por meio de outra citação, esta da própria obra de Silva Costa: “*Édipo de segunda mão*” — aliás, as únicas palavras que ele realmente publicou em toda a vida. Neste contexto, o significado não poderia ser mais claro. Entregando a mim a autoria de seu segundo romance, e

me apadrinhando no mundo literário,<sup>1</sup> Silva Costa dá o segundo e mais importante passo no projeto que teve início em seu livro de estreia — escrever um texto totalmente de segunda mão, no qual o poder de sua vontade seja quase nulo. A forma última dessa ambição, eu acho, é a morte, mas, como já deixei claro, não sou especialista no assunto.

Em novembro de 2011, quando comecei a escrever a terceira e última versão deste que receberia o título de *Glória*, Silva Costa quebrou um silêncio de mais de seis meses e me enviou um e-mail encorajador, ao qual anexou um texto seu, inédito e elogioso, para figurar no fim deste prefácio, à moda do século xvii. Em agradecimento ao gesto, utilizo-o também como epígrafe. Aconselhou-me ainda, citando o adágio popular, a não me preocupar demais em tentar tapar o sol com a peneira. Acho que se referia ao ofício literário em geral, não à minha demora em terminar sua obra-mestra. Entretanto, sabendo que não receberia resposta, preferi não perguntar se era mesmo esse o caso. Enfim, aí vai o romance; antes, o texto que Silva Costa não publicou no *Édipo de segunda mão*. O inédito por si só vale o preço do livro, indenizando o leitor pelas mais de duzentas páginas que lhe sucedem:

Para os homens não seria melhor se

lhes sucedesse tudo quanto querem?

A. Silva Costa e O.

Victor Heringer, C. O.

Rio de Janeiro

21 de dezembro de 2012

1. Desde que aceitei a proposta de Silva Costa (em meados de 2010) até a presente data, não me chegou a informação de que ele tenha apresentado a mesma ideia a outros escritores.

OS ANOS DE APRENDIZADO DOS  
ALENCAR COSTA E OLIVEIRA

# 1. Heresia, meu amor

*Pois bem, será por gente que balbucia, será numa língua bárbara que o Senhor falará a esse povo.*

Isaías 28,11

“Deus é, era, gago”, murmurou a mãe ao abrir o forno e ver o pato quase carbonizado lá dentro. Ninguém ouviu. Forçou uma tosse, pôs uma das mãos na cintura e esperou, abanando a fumaça com o pano de prato. As crianças e o marido logo perceberiam o cheiro de queimado.

Era a véspera do Natal de 1989. Naquele tempo, o pai ainda não tinha deixado a barba crescer demais, porque ainda não havia lido Maiakóvski.

Os três meninos entraram correndo na cozinha, aos berros, pedindo silêncio uns aos outros. Pararam num canto mais afastado para observar. Sabiam o que ia acontecer. Enorme e ainda de samba-canção, o pai veio depois, caminhando calmamente. Parou ao lado da mulher. Sorriu. As crianças olharam para o pai e logo para a mãe, que apontou desolada para o pato, imóvel, sobre a pia:

— Deus é gago.

Os meninos seguraram o riso. Ainda não era hora.

— *Era.* Era gago — respondeu o marido, como sempre fazia, com os dedos da mão fingindo bigodes, estufando a barriga e imitando o que ele imaginava ter sido a voz de Nietzsche.

Só então os filhos desataram a gargalhada, e daí saíram saltitando pela sala, repetindo que Deus é, era, gago.

Era o xingamento favorito do casal. Sempre que algo dava errado dentro de casa, Deus era gago e, depois de ter deixado isso ou aquilo acontecer (jarros quebrados, manchas em roupas, desastres culinários etc. e etcétera), estava morto para eles, como um filho que tivesse gastado toda a pequena fortuna da família no jogo, forçando-os a comer frango de padaria ao molho de laranja na ceia de Natal.

Ela e o marido tinham inventado a blasfêmia quinze anos antes, quando ainda eram namorados. O rapaz, estudante de geografia, sempre levava um livro para os encontros. Como era simplesmente incapaz de se decidir quanto ao que fazer com as próprias mãos, usava-as para mostrar à moça, estudante de letras, as reproduções dos mapas de que mais gostava. Ela achava graça, ria, fazia perguntas bobas para ouvir o namorado dizer coisas óbvias. Uma vez, perguntou por que o desenho dos litorais do mundo era assim, meio abrutalhado, e ele respondeu que era porque Deus era gago.

— Gago?

— É. Gago — e imitou o que imaginava ser a voz do narrador das Escrituras. — E disse o Senhor, qui-qui-qui: “Que as águas que estão debaixo dos céus se ajuntem num mesmo lugar, e apareça o elemento árido”. Não é assim que está na Bíblia? Escrito não dá pra perceber a gagueira, mas os sinais dela estão aí pra qualquer um ver.

Ela achou graça e apertou as mãos dele. Ele passou a repetir a ceninha toda vez que se encontravam, para que ela lhe aper-

tasse as mãos. De aperto em aperto, acabaram carregando a brinCADEIRA até o altar, e do altar até o apartamento de Copacabana, como outros casais carregam dialetos particulares, ressentimentos ou apelidos constrangedores.

Os filhos, Benjamim, o mais velho, Daniel, o do meio, e Abel, descobriram cedo que a frase parecia mesmo gagueira e era engraçada porque os pais só a diziam quando alguma coisa estava engraçada. Passaram a repeti-la sempre que algo em seu pequeno universo dava errado também. Só não podiam dizê-la fora de casa, regra que foi instituída no dia em que uma das mães de seus colegas de classe reclamou que o filho tinha voltado blasfemo da escolinha.

Como são pouquíssimas as coisas que dão certo neste mundo, a frase, dita muitas vezes ao longo dos anos, acabou se tornando um bordão dos Alencar Costa e Oliveira. Eram raras as brigas que não desmoronavam com a mulher gaguejando ou o marido dizendo, com voz de Nietzsche, que estava decidido a deserdar seu criador. Naturalmente, não era um núcleo familiar muito devoto. O casal, no entanto, não tinha nada contra religião alguma: os três meninos foram até batizados na Igreja, como manda a tradição. E todos tinham nomes bíblicos. Na verdade, a escolha dos nomes havia sido aleatória, mas, assim que os pais a notaram, a coincidência foi incorporada à lista de pilhérias mais ou menos propositais da família. Também não era um núcleo familiar particularmente austero. Muito pelo contrário: dinheiro, religião, o jantar, a luta armada, Cézanne, tudo que podia virar piada, virava. E a zombaria aos poucos ia se sofisticando, ganhando plugues, articulações internas e externas, polias e engrenagens, até se confundir com a própria personalidade dos Alencar Costa e Oliveira. Em 1989, já quase nada escapava. Não era raro ouvir do pai que naquela família — de todas as coisas, a mais sagrada — nada mais era sagrado.

O globo terrestre, por exemplo. Naquela noite, entre os muitos outros presentes de Natal, Abel se deparou com um globo terrestre de plástico do tamanho de um melão maduro, que acenderia se o caçula não tivesse arreventado o fio assim que o teve nas mãos. Daniel, sete anos, gritou que o irmãozinho tinha destruído o mundo. O pai respondeu com o bordão familiar, a mãe riu e os filhos gargalharam, causando uma pequenina e sussurrante indignação nas velhas senhoras Costa e Oliveira, um compacto grupo de doze mulheres que não tinham sido convidadas, mas apareceram para comer. Além de uma certa d. Letícia, que vivia longe e nunca aparecia, essas doze eram as últimas Costa e Oliveira vivas, todas tias do marido.

A mãe avisou que a comida estava esfriando, mas o pai ficou onde estava, de pé diante do caçula, que, sentado no chão, girava estabranadamente o brinquedo. Mesmo após o desastre na cozinha mais cedo, ninguém comeria frango de padaria; a ceia foi encomendada de um restaurante no Leblon. Não havia molho de laranja.

A mãe repetiu o aviso. O pai coçou a barba, levantou uma das sobrancelhas, depois a outra, fez um mugido com o nariz e pôs a cara mais malvada que tinha. Ergueu os braços e, imitando o que ele imaginava ser a voz de Deus, começou a atirar pragas de gafanhotos invisíveis no pequeno globo de plástico. Os três garotos correram imediatamente na direção do pai, gigantesco, peludo e gaguejante, e se penduraram em seus braços e pernas. E foram carregados de lá para cá e de cá para lá. E repetiam rindo o “lavai-vos, purificai-vos” que o pai dizia, estrepitoso, fazendo cho-ver enxofre de enfeites natalinos dos céus. Ficaram em polvorosa com a nova brincadeira. Não comeram direito. Só foram dormir às três da manhã.

Depois do tumulto, e da ceia, as senhoras da família perguntaram o que tinha sido aquilo. O sobrinho respondeu, sem

nenhuma afetação, que estavam brincando de Velho Testamento. As doze sorriram educadamente e em menos de dez minutos foram embora, alegando hora avançada e velhice. Saíram como haviam entrado: de surpresa, em massa, desejando feliz Natal. Na portaria do prédio, o bloco de senhoras burburejou indignado, levantou algumas de suas mãos para os céus, fez caretas com alguns de seus rostos. Na calçada, o ruído aumentou de volume. Algumas das bocas chamaram o sobrinho de infiel, de herege, reclamaram que o pato estava seco, que sentiram falta de um bom molho de laranja, comentaram o calor. Enquanto alguns braços faziam sinais para os táxis, as bocas juraram umas para as outras que só veriam o sobrinho de novo no dia de seu enterro. Não importava que ele e seus filhos fossem os únicos que levariam adiante o nome dos Costa e Oliveira. Heresia era heresia. Era heresia. As mãos fizeram raivosamente o sinal da cruz e seguiram para suas casas.

Paz na terra para todos os seres.

Quando as crianças finalmente se acalmaram e foram colocadas na cama, o casal, já no quarto, pôde trocar seus presentes. A mulher, que estava começando a estudar a obra de Beckett na universidade em que trabalhava, ganhou uma edição limitada de *Watt*, autografada pelo marido, que assinou como “Sammy B.” a dedicatória em português. Ele ganhou as obras completas de Maiakóvski, por nenhum motivo específico. Ela só achou que ele gostaria. De fato, gostou. Logo depois, trocaram os presentes comuns: colares, camisas, vestidos, gravatas etc. e etcétera. Os meninos, ainda acordados, podiam ouvir as risadas e conversas abafadas pela parede que separava os dois quartos. Sorriam, no escuro. A mãe experimentava as roupas e desfilava para o marido, que, deitado na cama, alternava o olhar entre a mulher e o mapa-múndi pendurado na parede atrás dela. O mapa, comprado num leilão de antiguidades, tinha sido um presente do Natal



retrasado e provavelmente não era uma antiguidade. Mesmo assim, o casal gostava muito de olhar para os litorais do mundo antes de dormir. Às vezes, quando havia o típico silêncio de um dia bom que termina, um dos dois respirava um pouco mais fundo e dizia “Você vê aonde a gente veio parar”.